

*Formado em Ciências Contábeis e mestre em Contabilidade e Controladoria pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Giovanni Botelho Colacicco é professor do Departamento de Ciências Contábeis da referida instituição. Foi gerente administrativo e financeiro de empresas de aparas de papel e desenvolveu um trabalho intitulado “Análise dos custos e viabilidade econômico-financeira: um estudo de caso sobre o mercado de aparas de papel.”*

*O professor Giovanni Botelho Colacicco é o entrevistado deste número.*

1) O senhor inicia sua dissertação de mestrado citando um autor que disse que a década de 70 foi da água, a de 80, do ar e a de 90, dos resíduos sólidos. Faltando este e o próximo ano para finalizarmos esta década, já podemos dizer do que ela foi?

Acredito que esta década foi infelizmente, ou felizmente, a década onde o mundo acordou para as conseqüências do mau uso dos recursos naturais de todo o planeta. Problemas ambientais nunca foram tão presentes na mídia em todo o mundo. Aquecimento global, altas temperaturas, invernos rigorosos, furacões, derretimento de geleiras, inundações, enfim, temas cada vez mais presentes no nosso noticiário.

2) O senhor acha que a variável ambiental tem realmente sido inserida na administração das empresas ou ela ainda é perfumaria?

Percebo apenas grandes empresas trabalhando com a variável ambiental, e a minha dúvida é exatamente se há esta preocupação de fato com o meio ambiente, ou se apenas realizam ações nesta área com a finalidade de alimentar seus balanços sociais e serem vistas, principalmente pelo mercado acionário, como uma companhia “Ambientalmente Correta”. Além disso, com os temas ambientais em evidência, muitos órgãos reguladores estão efetivamente fiscalizando, e muitos projetos nas empresas são realizados com o objetivo principal de prevenir passivos ambientais, e não simplesmente pela preocupação com o planeta ou com a sociedade.

3) O senhor acredita em desenvolvimento sustentável?

Acredito, mas em lugares com pessoas que foram educadas para tal. No Canadá, por exemplo, quando você compra um refrigerante 2 litros (embalagem PET), você é obrigado a depositar uma taxa de reciclagem, onde terá direito ao reembolso quando retornar com a mesma vazia. Portanto, não há nenhum custo para a população, pois o ponto de venda fica responsável em captar este resíduo e destinar a reciclagem. Vivi lá por dois meses e não me lembro de ter visto garrafas nas ruas. Lá qualquer pessoa pode recolher a garrafa e ir a um posto de venda e entregar a embalagem vazia e receber a taxa. Isso é uma questão de educação e cultura.



Continuo apostando que a solução para problemas ambientais e desenvolvimento sustentável é a conscientização, que só teremos com campanhas educativas.

4) O fato de a maior parte da população mundial residir em cidades é um problema em sua opinião?

O problema não é “a maior parte da população mundial residir em cidades”, e sim residir de forma desorganizada, sem planejamento e infra-estrutura. Em agosto de 2008 saiu uma reportagem na revista Época, que no Brasil em 2009 haverá mais pessoas com celular do que com saneamento básico e água encanada. Tem brasileiro falando ao celular sem lugar para fazer suas necessidades básicas. Perceba a expressão “necessidades básicas”, há uma mudança de valores na sociedade. Muitos brasileiros terão acesso ao celular antes da água encanada ou do saneamento básico, e o pior é que muitos acreditam ser mais básico ter um aparelho celular, do que um banheiro em casa.

5) Os catadores de papel são o primeiro passo na cadeia da reciclagem de papel. Por que há poucas iniciativas de associações e cooperativas de catadores no Brasil?

Na verdade, o primeiro agente da cadeia de reciclagem deveria ser o gerador do resíduo. O catador só existe porque há uma falha no hábito/cultura do brasileiro de jogar tudo no lixo. Na verdade, o catador não tem a consciência da reciclagem, ele só está nesta atividade porque se encontra marginalizado, sem emprego e necessita de alguma atividade para sobreviver. Acredito que a solução não deveria ser o incentivo ao catador, e sim investir na educação ambiental nas escolas com alunos do ensino fundamental. É claro que teremos resultados talvez na outra década, mas, se não plantarmos agora, como será lá na frente? Claro que até nossa cultura mudar, o Estado deve sim investir nas cooperativas e profissionalizar a atividade dos catadores. O grande problema é que sempre há uma verba inicial nos projetos, e quando esta verba acaba, o negócio não se sustenta e morre.

6) No seu trabalho, o senhor cita que as melhores oportunidades para os aparistas se apresentam quando a celulose no mercado internacional sobe de preço. O senhor acha que essa lógica de mercado está acima da preocupação com o planeta?

Acredito que sim. Apenas para esclarecer ao leitor, o aparista é aquele empresário que recolhe, separa e vende os resíduos de papel, também chamados de aparas, para as indústrias reciclarem. A preocupação principal destes empresários e também das indústrias de papel não é a preservação dos recursos naturais na natureza. Estas empresas têm fins lucrativos, empregam muitas pessoas e também ajudam o planeta reciclando papel. O fato é que os



aparistas estão desaparecendo, pela falta de viabilidade econômica da atividade, e as indústrias de papel não demonstram grandes compromissos com a política de consumo de aparas para ajudar o meio ambiente. As aparas são usadas como alternativa de matéria-prima no processo produtivo. A consequência do desaparecimento da categoria dos aparistas será desastrosa para a sociedade, sobrarão papel nas ruas e aterros. Com o cenário atual, até os catadores estão desaparecendo, não está compensando mais catar papel com o valor agregado atual. Na minha opinião quem deveria tomar alguma ação e zelar por esta triste realidade é o Governo, que, pelo que sei, desconhece este grave problema.

7) A consultoria McKinsey fez um estudo e conclui que 70% das reduções nas emissões de gases de efeito estufa não dependem de novas tecnologias. A empresa Procter & Gamble, por exemplo, mudou a fórmula do detergente para que os consumidores pudessem reduzir a temperatura da água na máquina de lavar louças, de 40 para 30 graus celsius, economizando energia. O que falta para que as empresas repensem seus processos e/ou produtos?

Falta talvez um consumidor mais exigente e ético, que só consuma produtos politicamente e ecologicamente corretos, e que se negue a comprar mercadorias cujo processo produtivo, distribuição e venda, agredam o meio ambiente. Mas isso está muito longe da nossa realidade, talvez incentivos públicos como redução da carga tributária para empresas que seguem as legislações ambientais (que deveria ser obrigação, mas torna-se uma desvantagem competitiva) e maior fiscalização dos órgãos responsáveis poderiam minimizar os prejuízos para o planeta.

8) Com a economia mundial em recessão, o senhor acredita que projetos ambientais ficarão em segundo plano?

As empresas estão atravessando um momento de crise, e a preocupação agora é como sobreviver. Apenas as atividades essenciais para o funcionamento e a operação do negócio terão orçamento. Projetos ambientais inevitáveis para o bom funcionamento deverão continuar recebendo verbas, agora, projetos sem fins lucrativos, com apenas caráter ambiental e social, tendem a sofrer o impacto da crise.

9) A UNEP (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) divulgou o relatório Green New Deal, em alusão ao New Deal americano (que objetivava tirar o país da Grande Depressão entre 1933 e 1937), estimando que o projeto geraria empregos, estimularia os negócios e faria a economia crescer de forma mais sustentável. O senhor acredita ser isto possível?



A lógica do raciocínio da pergunta é a mesma da teoria econômica, onde o governo, nos momentos de crise, deve injetar dinheiro na economia para gerar empregos, estimular os negócios e fazer a economia crescer. E crescer deveria sempre ser de forma sustentável, mas, com o cenário atual, acredito que as grandes economias aceitariam um crescimento mesmo que não sustentável, tamanho é o desespero. Além disso, com a globalização, a alta competitividade mundial e muitas vezes a concorrência desleal, as empresas estão cada vez mais voltadas para a gestão de custos, e muitas vezes a questão da sustentabilidade leva a classificação do projeto de viável para inviável econômica e financeiramente.

10) O que o senhor acha da valoração ambiental, como ferramenta para os tomadores de decisão?

Hoje, nas empresas, os tomadores de decisão analisam cada vez mais os custos envolvidos nos projetos e sua viabilidade. Sabendo que a valoração ambiental refere-se segundo (Bellia, 1996) a “...atribuição de valores monetários aos ativos ambientais, às mudanças ocorridas nos mesmos e aos efeitos dessas mudanças no bem-estar humano...”, não vejo como eles poderão ignorar esta nova variável. Estão diante de uma nova realidade, onde terão que utilizar, sim, a valoração ambiental, nem tanto como ferramenta, mas como um item adicional que deve ser considerado. É bom lembrar que estamos falando a princípio das grandes empresas. Pequenas empresas demorarão um pouco mais para incrementar esta variável em suas decisões.

11) Em uma palestra da assembleia legislativa, o senhor disse “Não adianta existir uma política de reciclagem sem que ela seja economicamente viável”. Como então poderemos ter políticas de proteção da flora e da fauna, de bacias hidrográficas, e de solos, que não pressupõem valores econômicos?

A afirmação na palestra foi em um contexto diferente. Eu abordava apenas a atuação das empresas de aparas de papel, que estão deixando o mercado por conta da inviabilidade econômica. E o governo parece que desconhece o problema e, portanto, não intervém na viabilidade desta cadeia. A pergunta é muito pertinente, pois todos os itens citados na pergunta, mais a questão da reciclagem de papel, que foi o foco do meu estudo, só terão viabilidade se o governo assumir sua responsabilidade, pois o Estado possui interesses diferentes das empresas com fins lucrativos. O Estado pode e deve investir em projetos desta natureza. O problema é que são projetos que demandam investimentos constantes e de longo prazo. O que não pode ocorrer, por exemplo, é em uma mudança de governo o projeto ser abandonado e todo o investimento feito ser perdido. Nem o governo e nem a sociedade devem esperar que as empresas privadas façam investimentos em atividades desta natureza.



12) Em sua opinião, a postura do Homem em relação ao Meio Ambiente é a mesma de há 30 anos? O que mudou?

Acredito que o Homem vem tomando mais consciência da importância da preservação do meio ambiente e as consequências da má preservação. Claro que ainda temos pessoas desmatando as florestas, jogando lixo em aterros clandestinos, descartando resíduos industriais nos rios sem nenhum tratamento, caçando animais com perigo de extinção, etc. Mas estas pessoas não são a regra. O mundo está preocupado com as mudanças climáticas e, em algumas sociedades, já temos uma geração atuando com uma maior consciência ambiental. Esta geração foi educada para viver em um planeta com recursos naturais limitados e que exigem mais cuidados. Os recursos devem ser aproveitados de forma planejada e assistida.

